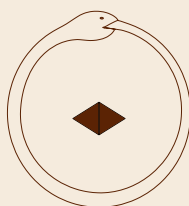
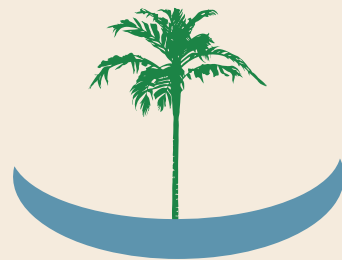


RELATÓRIO  
ESCOLAS VIVAS

junho a novembro 2023

Cristine Takuaí



# O QUE FOI FEITO EM CADA ESCOLA VIVA?

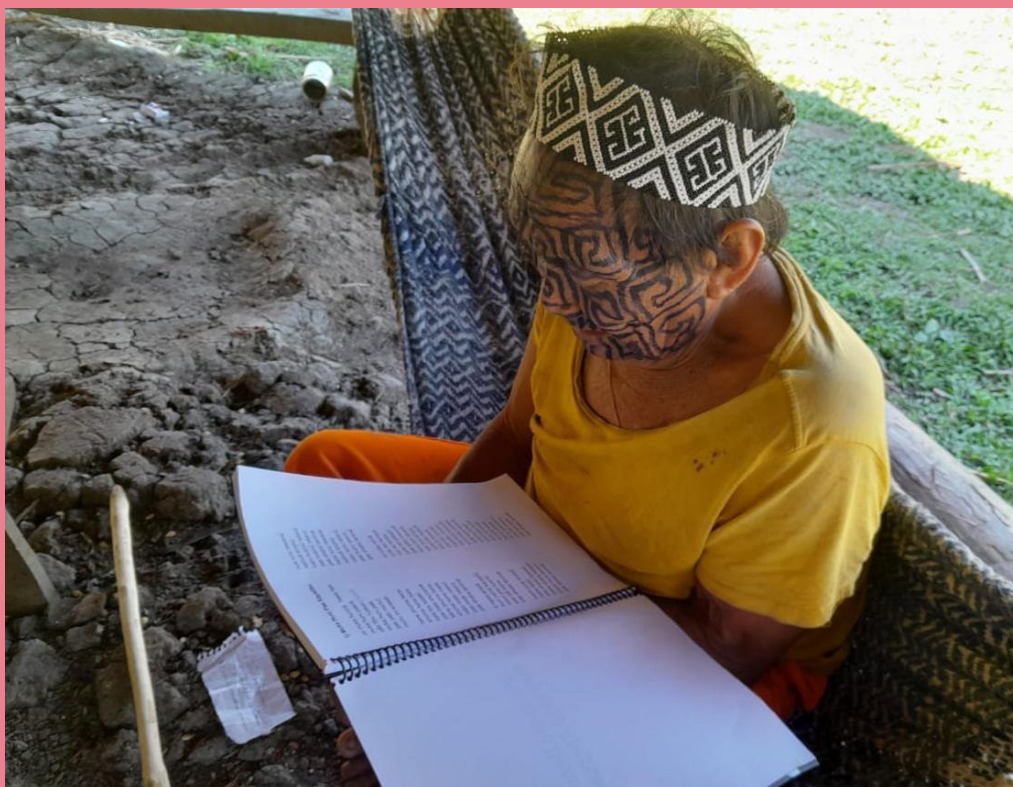
## Relatos da coordenadora

SHUBU HIWEA

ESCOLA VIVA DO POYO HUNI KUIN

Responsáveis: Dua Buse e Nete Huni Kuin

No início do mês de junho, o rio estava bem baixo, o que dificulta o trajeto para descer ao município do Jordão. Graças ao apoio das Escolas Vivas, Dua Buse se encontra há mais de um ano sem precisar descer ao município, se mantendo em sua comunidade, assegurando a transmissão dos conhecimentos para seus filhos e netos. A comunidade está se fortalecendo aos poucos, muitos estão mobilizados e animados. As alunas de Nete estão tecendo bem, aprendendo os *kene* – grafismos tradicionais – e os alunos da Escola Viva estão acompanhando Dua Buse nas caminhadas no parque de medicinas e nos rituais de cura.



Dua Buse segue com o sonho de ensinar cada vez mais à sua família os saberes ancestrais de como praticar o Bem Viver. Ele vem ensinando para sua comunidade a história das medicinas de parto, ensinadas pela aranha e pelo rato às mulheres Huni Kuin no tempo da origem.



No mês de julho, Dua Buse e Nete seguiram com as aulas diárias sobre medicinas, sobre a tecelagem e as técnicas dos *kene* (grafismos), os cantos e também o fortalecimento do roçado.



Dua Buse identifica espécies de medicina no parque. *Shuya Hina* é a medicina dada pelo rato para salvar as mulheres Huni Kuin dos Ikas no primeiro tempo e permitir que a vida pudesse nascer. Assim, muitos ensinamentos são passados, caminhando pela floresta e observando cada planta, ouvindo seus cantos e suas histórias. Ele é conhecedor de muitas espécies de medicinas e suas respectivas narrativas.



No mês de agosto, as atividades na Escola Viva seguem fortalecidas, com práticas diárias de cantos e cerimônias de cura. Dua Buse aplica *pakarî* – os cantos sagrados – na abertura de aula na Una Shubi Hiwea (Escola Viva). Também ensina os cantos sobre o amendoim para sua comunidade.



A prática da Escola Viva é uma ativação no dia a dia. Repassando os conhecimentos, cada integrante vai se conectando com essa força maior que habita no saber nascer, saber morrer, saber caminhar de forma suave, cuidando do corpo e do espírito.

No mês de setembro, a comunidade da aldeia Coração da Floresta desenvolveu atividades de fortalecimento espiritual e de aprofundamento nos estudos da língua e dos cantos. Dua Buse sonha fazer um livro dos cantos sagrados para registrar essa memória tão sagrada.





No mês de outubro, Nete e Dua Buse ficaram muito concentrados em organizar a viagem do final de novembro para exposição das Escolas Vivas na Casa França-Brasil.



No mês de novembro, eu e Carlos Papá fomos até a aldeia Coração da Floresta para articular a vinda dos coordenadores da Escola Viva Huni Kuin para a exposição VIVA VIVA ESCOLA VIVA. Durante os dias juntos, organizamos oficinas de tecelagem, caminhadas pelo parque de medicina e escutamos muitas histórias. Nos acompanharam na viagem Vera Fróes e Rodrigo Quintela.



APNE IXKOT HĀMHIPAK  
ALDEIA ESCOLA FLORESTA DO POVO MAXAKALI

Responsáveis: Sueli e Isael Maxakali

No início do mês de junho, os membros da Aldeia Escola Floresta fizeram atividades de organização do viveiro, busca de sementes e mudas em Ipatinga (MG), ações relacionadas ao projeto Hãmhi, que visa formar 30 agentes agroflorestais indígenas que serão responsáveis pela implementação e manejo de quintais agroflorestais e a recomposição florestal das cinco aldeias Maxakali. A Escola Viva tem sido uma grande parceira dessa iniciativa para cura e fortalecimento dos territórios.





O sonho da comunidade da Aldeia Escola Floresta é trazer de volta a floresta e os bichinhos, animar as crianças com água boa para brincar e ter alimentos saudáveis para comer. Dessa forma, ao longo dos meses, toda ação da Escolas Viva nesse território está sendo dedicada e concentrada no cuidado dos viveiros, no plantio das mudas e na manutenção do território. No entanto, ela vem sofrendo pressão dos vizinhos fazendeiros que possuem gados e cavalos que muitas vezes invadem a aldeia machucando a terra e os quintais já plantados.

No mês de julho, houve alguns mutirões da comunidade para abrir novos viveiros, instalar canos de águas e seguir nos trabalhos diários para a organização da aldeia e o bom andamento da ação de reflorestamento, com a missão de trazer a mata grande de volta.





Em 11 de julho, a Ministra dos Povos Indígenas Sônia Guajajara, a deputada federal Célia Xacriabá e a presidenta da FUNAI Joênia Wapixana estiveram na Aldeia Escola Floresta para ver de perto os desafios e sonhos da comunidade. A luta territorial do povo Maxakali é contínua e já vem há muitos séculos resistindo espiritualmente com sua língua e seus cantos.



No mês de agosto, foram desenvolvidas atividades de cuidar da terra e preparo para o plantio. Participaram todos os integrantes da Aldeia Escola Floresta.



Em setembro, a coordenadora da Escola Viva, Sueli Maxakali, esteve na formatura dos alunos da Licenciatura Intercultural Indígena na Faculdade de Educação (FaE/UFMG).



Ao longo do mês de setembro, muitas atividades relacionadas ao reflorestamento e atividades de contação de histórias e oficina de desenhos foram realizadas internamente na comunidade.





Em outubro, Isael e Sueli foram a São Paulo para participar da abertura da exposição “Histórias Indígenas”, realizada no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Na mesma semana, aproveitaram para fazer oficina junto com Paula Berbert no Parquinho Gráfico da Casa do Povo, para elaboração de uma bandeira com os *yamiy* para a exposição das Escolas Vivas.



Em outubro Isael, Juliana e Sueli Maxakali vieram conhecer a Escola Viva Guarani na aldeia Rio Silveira, em Bertioxa (SP). Foram momentos de trocas de aprendizados e compartilhamento de conhecimento sobre as plantas medicinais.





No mês de novembro, foram feitas muitas atividades de reflorestamento com a chegada de um caminhão de mudas de plantas nativas da Mata Atlântica. Para os Maxakali, trazer a floresta viva de novo tem uma forte relação com a espiritualidade, por isso a maior parte da comunidade está muito empenhada em desenvolver esse projeto com muita alegria e esperança de fortalecimento do território. Têm acontecido muitos intercâmbios entre as aldeias Maxakali para dialogar sobre o projeto Terra Viva.



## PONTO DE CULTURA "MBYA ARANDU PORÃ" DO POVO MBYA GUARANI

Responsável: Carlos Papá

No início do mês de junho, a Escola Viva Guarani e o Selvagem, em parceria, produziram um ciclo de estudos presencial sobre a Nhe'ẽry, na sala da jiboia no Museu das Culturas Indígenas, em São Paulo. Carlos Papá deu o nome do ciclo de AYVU PARÁ – desenho da fala – e organizou cinco conversas com convidados indígenas. Cinco jovens da Escola Viva Guarani tiveram uma participação muito especial: pintaram coletivamente duas grandes telas a partir das falas ao longo do ciclo. Estes desenhos das falas compõe a exposição VIVA VIVA ESCOLA VIVA. O registro do ciclo está disponível no canal de Youtube do Selvagem. O ciclo também coincidiu com a abertura da exposição NHE'ËRY: ONDE OS ESPÍRITOS SE BANHAM, com curadoria de Cristine Takuá, Carlos Papa, Sandra Benites e Sônia Ara.



Grupo de jovens e participantes do ciclo Nhe'ẽry. Ao fundo, a pintura coletiva.

No mês de junho, também, se deu continuidade aos trabalhos de reparação do morro que caiu com a chuva grande no mês de fevereiro passado. Está sendo muito desafiadora essa reparação, pois um



dos principais espaços da Escola Viva, a *opy* – casa de rezas –, está em situação de risco. Uma grande parede de superadobe será construída e depois serão plantadas mudas de raízes entouceirantes.



No final do mês de junho e início de julho, Carlos Papá participou em Londres, com a equipe do Selva-gem, do programa Meeting at the River, onde dialogou com educadores e crianças. Nesse momento, trabalhamos com as crianças, o livro *A vida do sol na terra*, escrito por ele junto a Verá Kanguá. Com essa temática do sol foi realizada uma oficina de desenhos e animação com crianças da escola High-gate Primary School e seu Green Council no OmVed Garden..



Em Londres, houve uma roda de conversa com educadores, pensadores e artistas. Foi uma rica experiência de poder compartilhar um pouco sobre as Escolas Vivas e muitos pensamentos sobre outras epistemologias não ocidentais.





Oficina com as crianças sobre o Sol.

No mês de julho, cuidamos do viveiro de mudas nativas da Nhe'ẽry, para fortalecer o plantio de frutíferas e plantas medicinais.

Carlos Papá e Djeguaka cuidaram de fazer reformas nas estruturas do viveiro, que estava com problemas devido aos fortes ventos e chuvas que derrubaram algumas madeiras.



Em meados de julho, um grupo de jovens e crianças foram participar de um intercâmbio na Chapada dos Veadeiros. Participaram de atividades culturais, diálogos e trocas de experiências com os outros povos da Aldeia Multiétnica.





No mês de agosto, os integrantes da Escola Viva Guarani fizeram intercâmbio na aldeia Krenak e Kaingang no interior paulista, na aldeia Vanuire, para uma troca de experiências sobre memória e saberes indígenas. Participamos também do seminário sobre memória e museologia no Museu Índia Vanuire. Ao longo da história, muitos povos foram se esquecendo e deixando de praticar saberes essenciais para a manutenção da memória que move e ativa a transmissão de saberes e fazeres. Com esse adormecimento, muitas crianças e jovens estão se desconectando do seu modo próprio de aprender. Por isso, as trocas no intercâmbio são tão emocionantes e necessárias através dos diálogos e dos cantos. Nesses encontros cria-se a possibilidade de *acordamento* das memórias e, assim, a reativação de práticas que estavam ocultadas frente a tanta informação que hoje adentra os territórios indígenas.

Uma das práticas da Escola Viva Guarani é o estudo com as plantas mestras para curar e orientar a caminhada. Há alguns anos introduzimos o uso da medicina da ayahuasca dentro da casa de reza, para fortalecer os jovens. No final do mês de agosto, fizemos um feitiço de medicina em Pasárgada, próximo a Belo Horizonte, com cipó jagube colhido na nossa comunidade.





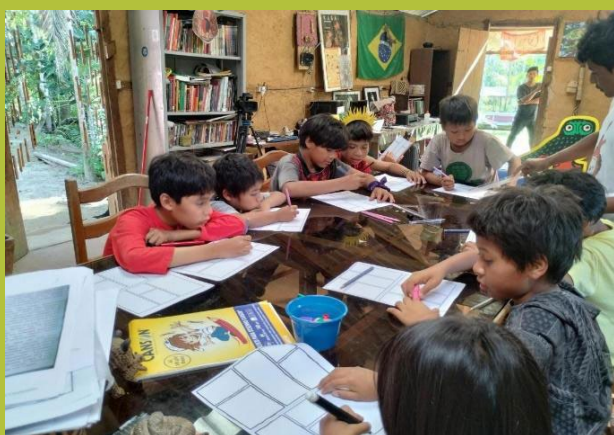
No mês de setembro, Djeguaka, um ancião e mais dois jovens participaram da XII Feira de Trocas de Sementes e Mudas orgânicas e crioulas em Piracicaba (SP). Foi um importante momento para aprender e trocar experiências acerca das roças, mudas e dos trabalhos desenvolvidos pelas comunidades caiçara e quilombola e pelas comunidades tradicionais e indígenas.



Para celebrar o início do Ara Pyau – Tempo Novo –, no calendário guarani, consagramos a Ka'a – erva mate – numa cerimônia com jovens e crianças, para trazer o fortalecimento e saúde no tempo que inicia. Todo ano, na mudança dos tempos, fazemos esse ritual. A Ka'a é uma planta muito sagrada que, há muitos séculos, vem sendo consagrada pelos guarani.



No meio de setembro, recebemos na Escola Viva a visita da coordenadora do Grupo Crianças do ciclo Selvagem, Veronica Pinheiro, que organizou junto a Carlos Papá uma oficina de contação de história sobre a Vida do Sol na Terra com as crianças, seguida da produção de desenhos para elaboração de história em quadrinhos. Durante os dias da oficina, as crianças puderam deixar a criatividade desabrochar através da concentração dos desenhos produzidos.



Materiais produzidos nos dias de oficina com as crianças da Escola Viva Guarani.

No final de setembro e início de outubro, Carlos Papá acompanhou a visita à Escola Viva Maxakali, na Aldeia Escola Floresta, junto com Paula Berbert. Durante a semana que ficamos na aldeia, organizamos uma oficina de pintura com as mulheres, crianças, jovens e alguns anciãos. No dia em que chegamos no território, estavam sendo colocadas as placas da FUNAI de reconhecimento oficial da Terra Maxakali. Depois de dois anos de retomada, tiveram essa possibilidade de ver a terra cada vez mais forte. Os pajés cantaram fortemente para os *yamiyxop*, quase toda noite e dia, muita alegria e ativação de um coletivo que sonha, pensa e vai, aos poucos, transformando a realidade.





Sobre um dos cantos:

“Conta um dos cantos de *Mõgmõgka tap* (espírito do gavião) que uma vez ele saiu pelo mundo para conhecer outras matas e que quando estava longe sentiu saudades da floresta onde vivia, especialmente de sua árvore favorita. *Mõgmõgka tap* decidiu retornar para casa e, no canto, conta tudo o que ele via lá do alto durante sua viagem de volta, o céu, as nuvens, as montanhas, os rios, os bichos. Mas, chegando perto, logo percebeu que tudo estava diferente, não havia mais as árvores grandes, nem as caças, só capim. Ao chegar no lugar onde esperava encontrar sua árvore favorita, *Mõgmõgka tap* pousou triste na estaca de uma cerca de arame-farpado que marcava o limite de uma das fazendas dos brancos invasores”.



Obra de Sueli Maxakali para exposição em dezembro.

No início de outubro, a Escola Viva Guarani recebeu a visita de Ailton Krenak. Foi um encontro de estudos e diálogos na casa de reza junto com jovens, crianças e adultos. Ao longo da noite, compartilhamos cantos e histórias antigas. Rezamos e nos alegamos.



No meio do mês de outubro a Escola Viva recebeu algumas visitas de intercâmbio para trocar e fortalecer os cantos e as práticas espirituais. Recebemos Isael, Sueli Maxakali, Juliana Maxakali, o pesquisador Maru do povo Huni Kuin e o jovem guarani Werá.





No mês de outubro, os jovens participaram de uma oficina de animação stop motion, com Manoela Rabinovitch e Anai Vera. A inspiração para a oficina foram os bichinhos feitos de madeira caxeta pelos artistas guarani. Em diálogo com o grupo participante, desenvolveram um roteiro e, ao longo de três dias, produziram um videozinho que dá vida aos seres animais, com movimentos, cantos e danças. Há muito interesse por parte de alguns jovens de vir aos poucos desenvolvendo as narrativas ancestrais, histórias contadas pelos anciãos, e transformá-las em vídeos de animação para que as crianças se aproximem mais das histórias, também através das tecnologias.





No final do mês de outubro houve atividades de contação de histórias e produção de desenhos com as crianças.



Em novembro seguiram os preparativos para a exposição VIVA VIVA ESCOLA VIVA na Casa França-Brasil no Rio de Janeiro. Carlos Papá e os jovens finalizaram as obras para serem expostas.





# CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA BAHSERIKOWI DOS POVOS TUKANO, DESANA E TUYUCA

Responsável: João Paulo Lima Barreto, Anacleto Doe e Carla Wisu

## Sarau “Panyē landê”

No dia 03 de junho, o Centro de Medicina Indígena Bahserikowi concedeu o espaço para promover o evento do Movimento de Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM), para realizar o Sarau “Panyē landê”, que significa “todos juntos”. O evento reuniu artistas, estudantes indígenas e apoiadores de nossas lutas para expressar e declarar nossas posições contra o PL 2903 e as teses anti-indígenas do Marco Temporal.



## Visita da Turma de Medicina da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

No dia 07 de junho, o Bahserikowi recebeu a turma de Medicina da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) para promover uma aula. Ivan Barreto, coordenador do centro, contou sobre a importância da existência do Centro de Medicina Indígena na área urbana da capital do estado do Amazonas, no sentido de promover um diálogo, pois os médicos ocidentais e os próprios universitários de medicina possuem uma visão diferente sobre as práticas de cura utilizadas pelos povos indígenas.



## Comemoração de 6 anos do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi

Nos dias 09 e 10 de junho foi realizada a comemoração dos seis anos da existência do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi.



## Bahserikowi recebeu a visita da equipe do SESAI

No dia 22 de junho, o Bahserikowi recebeu a visita da equipe de enfermagem da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), que aproveitou sua vinda a Manaus para conhecer o centro. A equipe conheceu o espaço e ouviu sobre o calendário cosmológico que está desenhado na parede do centro. Aprendeu assim sobre como funciona cada ciclo cosmológico, sobre os bioindicadores do tempo, as constelações através das quais os antepassados acompanhavam o tempo, aprenderam também que cada período traz consigo sua fartura e o seu perigo.



No final do mês de julho, o Bahserikowi cedeu o espaço para a realização do evento “Amazônia Orgulho Day”, organizado pelo coletivo Miriã Mahsã e a Secretaria Estadual LGBT do PT do Amazonas, em comemoração ao Dia do Orgulho LGBTQIA+. O coletivo atualmente conta com a participação de jovens de vários povos do Amazonas e vem participando de eventos locais e fora do estado. O Centro de Medicina Indígena apoia o coletivo para realização dos seus eventos e nas articulações para participação dos editais de projetos.





### 17º Conferência Nacional de Saúde

Os membros do Centro de Medicina receberam convite da COIAB para participar da 17º Conferência Nacional de Saúde, que reúne representantes dos movimentos e das organizações sociais vinculadas à área de saúde e é realizada a cada quatro anos. O evento foi realizado em Brasília (DF) de 02 a 05 de julho de 2023. Foi um espaço importante de diálogo para fortalecer o controle social e gestão participativa da saúde como política pública.

A equipe do Bahserikowi participou do evento ativamente nas reuniões e nos diferentes diálogos, tanto com a coordenação do COIAB como com a SESAI e REDE UNIDA.



### **Curso de projetos culturais para captação de recursos**

O Centro de Medicina Indígena recebeu o convite para participar do evento de lançamento de projetos culturais para captação de recursos, realizado pela Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Eventos (MANAUSCULT) e o Conselho Municipal de Cultura (CONCULTURA). As secretarias abrem editais com oportunidades para os indígenas na região de Manaus (AM) e, como suporte inicial, realizam cursos preparatórios para auxiliar na inscrição para o edital assim poder concorrer às vagas.



### **WIÕMAHSÃ: Roda de conversa e vivências com o *kumüã***

No dia 22 de julho, o Centro de Medicina Indígena realizou o evento de *Wiomahsã* para finalizar a estação de *Wuru* (preguiça) e para iniciar a de *Yehe* (Graça), conforme o calendário cosmológico dos povos do Alto Rio Negro. O evento é realizado em cada período da mudança de *Yokoãpama* (constelação), com intuito de arrecadar dinheiro para as despesas do centro.



### **Pesquisa arqueológica na Serra do Mucura**

No início de agosto, João Paulo foi para a comunidade Serra do Mucura fazer uma viagem junto com Paulo Rodrigo Simões, arqueólogo e pesquisador da Universidade Federal do Pará (UFPA). A intenção foi dar continuidade ao trabalho de pesquisa das cavernas, com registros e traços deixados pelos antepassados e dos lugares sagrados para os indígenas. A atividade envolve registro de gravações,



fotografias e documentários, que posteriormente serão transformadas em 3D. Também foram registrados os conhecimentos dos especialistas *kumuã*, que irão ficar disponíveis para as gerações futuras.



### **Palestra na Escola Superior de Arte e Turismo**

O *kumu* Anacleto Doe e Carla Wisu receberam um convite dos acadêmicos do curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) para dar palestra sobre o tema “A concepção do corpo segundo a teoria dos povos indígenas do Alto Rio Negro”. O encontro foi realizado na Escola Superior de Arte e Turismo (ESAT) e contou com a presença dos acadêmicos, professores e alguns parceiros do Instituto de Pesquisa Tabihuni.



### **Reunião com o SES-AM e o SEMSA**

A equipe do Bahserikowi recebeu a equipe da Secretaria de Estado de Saúde (SES-AM) e Secretaria Municipal de Saúde (Semsu) de Manaus para iniciar um diálogo sobre a importância da medicina indígena e, dessa forma, construir pontes para inserir a medicina indígena nas Unidades Básicas de Saúde de Manaus. O diálogo foi construtivo, pois é o sonho da equipe do Bahserikowi que a medicina indígena possa ser parte do Sistema Único de Saúde (SUS) e que os especialistas indígenas sejam reconhecidos como profissionais de saúde.



### **Roda de conversa sobre literatura indígena**

A administradora do Bahserikowi, Carla Wisu, participou da roda de conversa sobre literatura indígena no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas. A roda contou também com a participação de Duhigo Tukano, artista do povo tukano do Alto Rio Negro, a dra. Lívia Penedo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a professora Danie-la Gonzaga Munduruku.



### **Reunião com o coletivo Miriã Mahsã**

Através do convite dos jovens indígenas do coletivo Miriã Mahsã, a equipe do Bahserikowi participou de uma reunião de planejamento do coletivo, com a parceria da Casa Miga, uma casa de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade socioeconômica.



### **Reunião com o grupo de trabalho do SAISISUS**

João Paulo Barreto e Pedro Tukano viajaram a Brasília (DF) para integrar o grupo de trabalho (GT) de Medicina Indígena do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena do SUS (SAISISUS). O Bahserikowi é membro desse GT e está contribuindo para a elaboração de estratégias e do programa de articulação entre a medicina indígena e biomedicina do subsistema da SESAI. Formam também parte do GT



representantes da Funai, da OPAS, SESAI, especialistas e pesquisadores indígenas. Essa participação foi importante para propormos uma política de atendimento de saúde diferenciada.



### Formação em registro digital no Museu Britânico em Londres

Ivan Menezes Barreto Tukano participou do treinamento e documentário de registro digital no Museu Britânico em Londres, na Inglaterra, para registrar os conhecimentos dos povos indígenas, como forma de criar um acervo digital com registros de grandes especialistas e anciões indígenas que praticam o conhecimento e medicina indígena próprio do Alto Rio Negro. A intenção é que isso sirva como incentivo às novas gerações a se reconectar com as práticas de conhecimentos de seus povos. Além disso, Iván visitou o museu para conhecer os artefatos do Alto Rio Negro que estão presentes no museu. Esse momento também serviu para falar da importância dos artefatos para os *kumuãs*, como eles usavam esses artefatos para a cura e o cuidado da saúde.



### **III Marcha das Mulheres Indígenas do Brasil**

Carla Wisu, através do convite da COIAB, foi à Brasília para participar da III Marcha das Mulheres Indígenas do Brasil. Essa marcha é importante para clamar o fim da violência contra as mulheres indígenas e reivindicar seus lugares de direito na sociedade.



### **Reunião com a equipe das Secretarias Municipais de Saúde**

A equipe do Bahserikowi se reuniu na sede do conselho de Secretários Municipais de Saúde do Amazonas (COSEMS) para dar início ao diálogo discutido no mês anterior, com o objetivo de reforçar a inclusão da medicina indígena no sistema de saúde do estado do Amazonas. Foi reforçado o questionamento de que os profissionais de saúde não indígenas devem compreender os propósitos e demandas da medicina indígena.



### **Participação na oficina Equidade de gêneros, raça e valorização das trabalhadoras no SUS**

Carla Wisu participou da oficina realizada pelo Ministério da Saúde durante dois dias, onde foi debatido sobre o bem viver das mulheres servidoras públicas do SUS e das mulheres dos movimentos sociais. Além da participação nas palestras, Carla Wisu falou sobre a dificuldade de que o SUS ainda não compreende a importância do acesso dos especialistas indígenas aos hospitais para fazer o



tratamento dos enfermos em conjunto com os médicos. Além disso, comentou sobre o apagamento das mulheres indígenas no contexto urbano, pois nem a SESAI nem o SUS amparam essas mulheres, não as registrando como indígenas, mas como pardas.



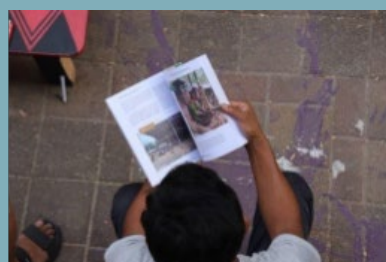
### Visita da Rede Wayuri e do Instituto Socioambiental e reunião com o Coletivo Miriã Mahsã

Em outubro, o Bahserikowi recebeu a representante da Rede Wayuri, rede de comunicação da Amazônia, e do Instituto Socioambiental (ISA) para uma reunião com o Coletivo Miriã Mahsã de Indígenas LGBTQIA+, onde debateram sobre diversos assuntos e firmaram parcerias de atividades a serem realizadas em São Gabriel da Cachoeira.



### Lançamento do livro “Trançar, Destrançar e Tecer na Dança e no Canto: Práticas da Medicina Indígena na Amazônia”

O Centro de Medicina Indígena realizou o lançamento da 1ª edição do livro “Trançar, Destrançar e Tecer na Dança e no Canto: Práticas da Medicina Indígena na Amazônia”, publicada pela Editora Rede Unida. O evento contou com o ritual de canto e com defumação de Bahsesé de proteção com cigarro de tabaco do *Kumü* Anacleto, do povo Tukano.



## Comemoração ao Dia das Crianças

No dia 12 de outubro, o Centro de Medicina Indígena Bahserikowi realizou um dia de vivência cultural em comemoração ao Dia das Crianças, com o objetivo de inserir as crianças dentro da programação da casa. Foi o primeiro evento voltado para as crianças e a equipe do Bahserikowi já planeja o próximo evento exclusivo para as crianças a partir dessas experiências. Entre as atividades, os pais e as crianças fizeram grafismo corporal com tintas naturais, como jenipapo e crajiru, enquanto outros optaram por desenhos e pinturas de grafismo.



## Sonhação

A atividade do projeto Sonhação foi realizada com integrantes do Brasil e da Itália de diversas organizações, como a FIOCRUZ, Fórum Povos, Consultório Familiar entre outros. Durante o encontro houve conversas sobre as medicinas indígenas com a presença de especialistas de diversos povos indígenas. A abertura do evento foi realizada pelo *Kumü* Anacleto, a parteira do povo Arapium e outros especialistas do povo Tikuna.

Cada especialista trouxe as experiências e informações sobre como as medicinas indígenas são realizadas pelo povo pertencente. A partir disso, foi aberto o debate sobre as medicinas indígenas entre os especialistas e os participantes do Sonhação.

A equipe do Centro de Medicina Indígena ressaltou a importância de afirmar os saberes dos especialistas indígenas enquanto medicina indígena, os sete elementos que compõem o corpo humano, entre outros. O Coletivo Miriã Mahsã participou também, falando sobre a necessidade de se pautar as questões que envolvem os jovens e indígenas LGBTQIA+.



A atividade também contou com a presença de antropólogos indígenas integrantes do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), como Jaime Diakara e Silvio Bará, que também falaram sobre os estudos sobre as medicinas indígenas dentro de seus povos.



### **Encontro de potências**

Carla Wisu participou do evento da 1ª edição do Potências, que traz como temática “O Presente é Ancestral” em duas mesas de bate-papo, realizado no Impact Hub Manaus em parceria com o Ateliê Derequine. A roda de conversa foi sobre o tema “A ancestralidade Cria” e contou com a palestra de Adolfo Tapaiüna e Estelio Lopes, com mediação de Mel Farias. Eles conversaram sobre o que alcançaram enquanto jovens indígenas dentro dos espaços que ocupam como nas universidades, como as universidades e o mercado de trabalho.



### **Encontro de planejamento Ballroom com coletiva Miriã Mahsã juntamente com casa Jabuti**

Em novembro, o Centro de Medicina Indígenas concedeu os espaços para ser realizado o planejamento do evento Ballroom Indígena intitulado “Ball dos espíritos Ancestrais”, atividade que conta com o apoio do Instituto Cultural Survival. O objetivo desta roda foi discutir as categorias que foram

lançadas para disputa no dia, falar da cultura de Ballroom no cenário manauara, a importância de as pessoas indígenas também ocuparem esse espaço como um espaço político e inclusivo.



### **A visita da equipe de jornalismo IPAM de Brasília**

Recebemos a visita da equipe de jornalistas do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) de Brasília, organização científica, não governamental, apartidária e sem fins lucrativos que trabalha pelo desenvolvimento sustentável da Amazônia e cuja missão é promover ciência, educação e inovação para uma Amazônia ambientalmente saudável, economicamente próspera e socialmente justa.

A reunião foi sobre a realização de um documentário e entrevistas com a equipe do Bahserikowi. Foi feita uma pesquisa sobre as mudanças, de como percebemos a poluição e as queimadas que vêm acontecendo na capital Manaus e o que podemos fazer com nossa medicina indígena do Alto Rio Negro. Também participou da entrevista Pedro Tukano, comunicador do Bahserikowi e coordenador do coletivo Miriã Mahsã.





### Aula com a turma de mestrado de Ciências Humanas da Universidade Estadual do Amazonas

Recebemos a visita dos universitários que cursam mestrado em Ciências Humanas na Universidade Estadual do Amazonas. Foi uma oportunidade para abrir diálogo e relatar um pouco sobre a medicina tradicional do Alto Rio Negro e as origens das doenças e fórmulas de curas que são feitas no espaço do Centro de Medicina Indígenas Bahserikowi.



### Wiõmahsã: vivência com *kumüã* dessano e tukano e roda de rapé

No final do mês, realizamos uma roda vivência com o *kumuãs* Durvalino Kisibi, do povo Dessano, e Anacleto Doe, do povo Tukano. Como finalização do evento, todos os participantes foram convidados a tomar o aluá e o chá da folha de *ipadu*, preparado pela Carla Wisu, chá que cura várias doenças além de ajudar no relaxamento do corpo e memorização. Para encerrar, ouvimos os cantos do *kumuã*.



Este relatório conta com a colaboração de Anai Vera e revisão de Alice Faria.

Sou CRISTINE TAKUÁ, povo Maxakali, educadora, mãe, parteira, pensadora, gosto de cuidar das plantas e aprender com elas. Sou diretora do Instituto Maracá e venho, junto com outras lideranças, desenvolvendo projetos de fortalecimento cultural. Estudei Filosofia na Unesp de Marília e venho, ao longo de anos pensando, nas filosofias ameríndias e nas possibilidades de descolonização do pensamento, para contrapor a monocultura colonial que domina as formas de transmissão de conhecimento. Sou uma das fundadoras do Fapisp (Fórum de articulação dos professores indígenas do estado de São Paulo). Cuido do diálogo com as 4 Escolas Vivas, pensando em intercâmbios e contribuindo para a continuidade desses sonhos.

A SAÚVA é uma associação sem fins lucrativos, que trabalha em rede, na promoção da sustentabilidade, autonomia e circularidade de projetos e empreendimentos; se motiva pela regeneração do ambiente em sua integralidade; pela redução da desigualdade social; pela troca de saberes com povos e culturas tradicionais do Brasil; pela prática da auto-educação e pela cocriação de outras formas de relação econômica.

ANAI G. VERA BRITOS é paraguaia e mora no Brasil. Estudou Biologia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, mas mudou de profissão ao virar mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Pesquisa sobre a etnologia guarani e outros povos das terras baixas sulamericanas. Sonha em contribuir como enlaçadora e tradutora de mundos.

Contato: [anaivera@usp.br](mailto:anaivera@usp.br)

## SELVAGEM

### *ciclo de estudos sobre a vida*

oferece gratuitamente cadernos, conversas, ciclos de leitura e audiovisuais.

Seu interesse e participação dão sentido e motivam nossa existência.

Caso deseje retribuir às atividades oferecidas,

sugerimos [apoio às Escolas Vivas](#).